FOLHA UNIVERSAL - 2/9/2001

Brasil e Índia juntos por medicamentos mais baratos

Andréia Brilhante

Rio de Janeiro/RJ – Os remédios que têm feito o brasileiro se endividar poderão ficar mais baratos. O deputado estadual José Divino recebeu o cônsul geral da Índia, Deepak Bhojwani, em seu gabinete, para tratar da instalação de empresas farmacêuticas indianas no Rio de Janeiro, principalmente em Campos, com vistas à fabricação de medicamentos genéricos. Hoje existem quatro no estado.

O diretor do Grupo Brasil Química Farmacêutico, Luiz Antonio Braga Costa, também esteve no encontro e disse que o genérico pode reduzir em até 70% os gastos com o receituário. A queda expressiva no preço é possível graças à alta tecnologia da Índia usada na fabricação desses remédios. Luiz Antonio contou que o genérico do antibiótico Omeprazol, que será vendido pela empresa Ajanta em parceria com o Grupo Brasil Química, mesmo com preço muito baixo, geraria um lucro de 300%.

Foto: Ronaldo Costa

O diretor Luiz Antonio, o cônsul Deepak e o deputado José Divino

– O preço vai ter que subir, se não o brasileiro não confia – declarou.

Pesquisa do Sindicato das Financeiras do Rio de Janeiro mostrou que 44% das pessoas que pegam empréstimo têm problema de doença na família.

– Elas estão se endividando para comprar remédios, enquanto temos tecnologias no mundo baratas – disse o deputado Divino.

O cônsul Deepak ficou assustado com os preços dos medicamentos brasileiros.

– Eles estão entre os mais caros do mundo – afirmou.

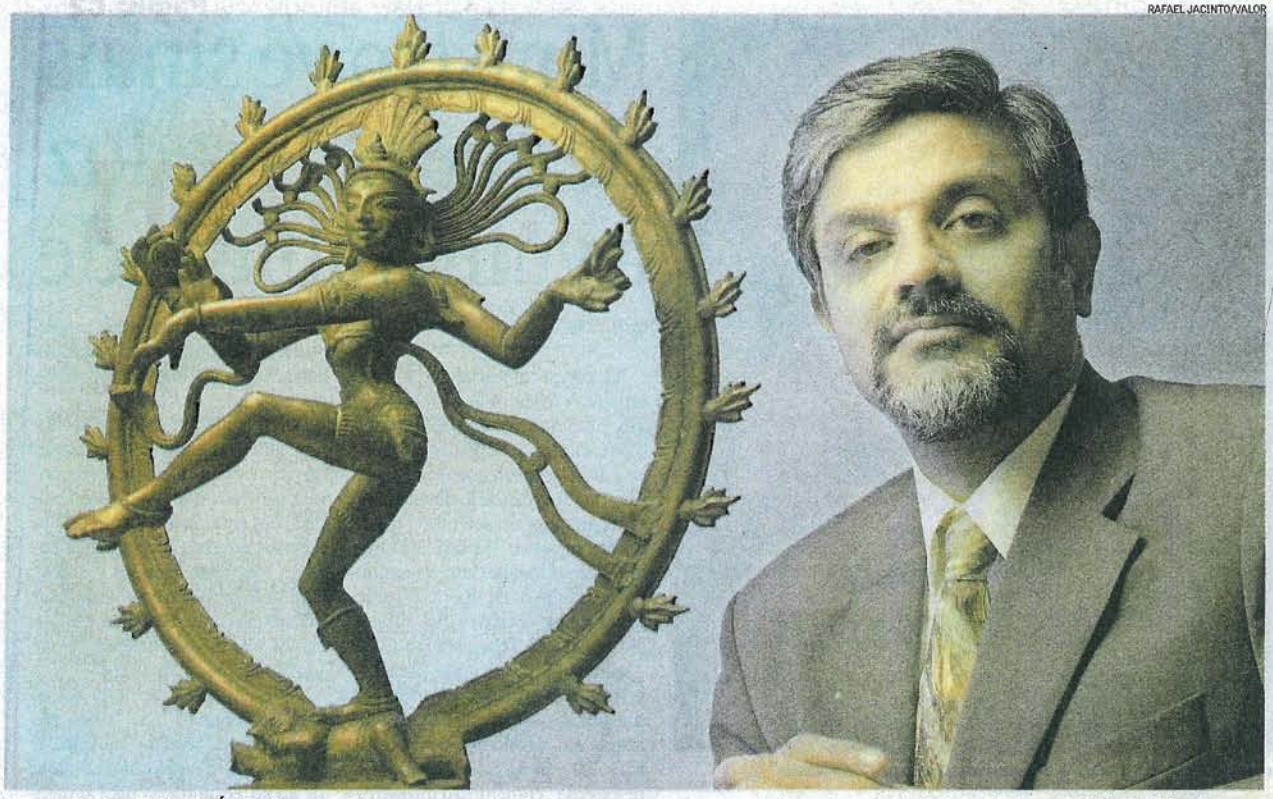
Segundo o deputado, já foi feito contato com o governo do estado e a prefeitura de Campos para a instalação das empresas farmacêuticas da Índia e eles se colocaram à disposição para recebê-las.

Feira indiana

As empresas indianas vão expor seus produtos e tecnologias na Expo Índia 2001, no Expo Center Norte, Pavilhão Branco, capital paulista, entre os dias 25 e 29 de setembro, das 12h às 20h. Mais de 150 empresas dos setores farmacêutico, químico e de engenharia, entre outras, estarão presentes.

As exportações indianas vêm aumentando muito e já somam cerca de US$ 40 bilhões anuais direcionados, principalmente, aos mercados dos Estados Unidos, Europa e Japão. No caso do Brasil, as exportações da Índia também cresceram. Em 1996, chegaram a US$ 82 milhões e, em 2000, fecharam em US$ 271 milhões.

RAFAEL JACINTO/VALOR



Deepak Bhojwani: Brasil e Índia têm uma visão comum quanto a forma como devem ser negociados os acordos de livre comércio no mundo globalizado

Comércio exterior País é uma das prioridades nas exportações nacionais

Indianos se preparam para aumentar vendas ao Brasil

Gustavo Faleiros
De São Paulo

Eleita como um dos mercados prioritários para a ampliação das exportações brasileiras, a Índia já está intensificando suas relações com o Brasil — e neste ano está conseguindo aumentar suas vendas aos brasileiros. Na próxima semana, 240 empresas indianas vão participar da segunda Expo Índia e o ministro do comércio do país, Rajin Pratap Rudy, vai negociar a possível criação de uma câmara de comércio Brasil-Índia.

Os negócios entre Brasil e Índia crescem de forma significativa. Em 2000, o intercâmbio bilateral foi de cerca de US$ 480 milhões, 25% a mais do que o ano anterior. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior, o Brasil exportou no ano passado US$ 217,4 milhões e importou US$ 271,2 milhões. Para este ano, se espera alcançar uma cifra entre US$ 600 milhões e US$ 700 milhões no comércio bilateral. As exportações brasileiras, no entanto, não estão crescendo no mesmo ritmo em que se importam produtos indianos.

Neste ano, as vendas do Brasil à Índia cresceram apenas 4%, chegando a US$ 143,5 milhões, enquanto a importação de produtos indianos elevou-se 57%, alcançando os US$ 267,5 milhões. Para Dalel Singh, o diretor da Organização de Promoção do Comércio da Índia, responsável pela Expo Índia, falta aos empresários brasileiros maior divulgação para que as exportações possam crescer. "Um empresário indiano procurava por uma máquina que só é fabricada no Brasil, mas ele não conseguia o telefone da empresa."

Países em desenvolvimento como Brasil, Índia e China não encontram dificuldades em fabricar itens de alta tecnologia, mas o problema, diz, está na maneira como são divulgados. "Os países ricos vendem muito bem seus produtos, precisamos aprender isso com eles".

Atualmente, a Índia é conhecida por seu sucesso na indústria química e com softwares — suas exportações de programas para computadores chegam a US$ 6,3 bilhões.

O cônsul geral da Índia em São Paulo, Deepak Bhojwani, afirma que o próximo passo para o crescimento das relações bilaterais será o estabelecimento de parcerias entre companhias indianas e brasileiras. Sete empresas farmacêuticas indianas já se instalaram aqui e estão atuando, principalmente, na área dos genéricos, associadas a brasileiros.

Outro setor que deve aproximar Brasil e Índia é o de combustíveis. Atualmente o produto indiano mais exportado ao Brasil é o óleo diesel, e nos próximos meses a legislação da Índia vai permitir que o álcool de cana de açúcar seja misturado à gasolina. Isso está atraindo a atenção dos indianos para as tecnologias brasileira de fabricação do combustível. Além do óleo diesel, o Brasil importa da Índia, matéria-prima para remédios, vacinas e querosene para aviação. E exporta produtos alimentícios, principalmente açúcar e óleo de soja, máquinas, peças de ferro, aço, cobre e alumínio. Segundo Bhojwani, há ainda espaço para a exportação de frango e suco de laranja.

Na opinião de Bhojwani, Brasil e Índia têm uma visão comum quanto a forma como devem ser negociados os acordos de livre comércio no mundo globalizado. "A Índia como o Brasil, gostaria de ver mais justiça no sistema econômico mundial", diz o cônsul.